



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
BACHARELADO DE ANTROPOLOGIA

THAYNÁ DONATO GOMES

**UMA ETNOGRAFIA DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA ALDEIA LARANJEIRA,
TERRA INDÍGENA POTIGUARA, BAÍA DA TRAIÇÃO-PB.**

RIO TINTO-PB

Julho 2021

THAYNA DONATO GOMES

**UMA ETNOGRAFIA DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA ALDEIA LARANJEIRA,
TERRA INDÍGENA POTIGUARA, BAÍA DA TRAIÇÃO-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, como pré-requisito a obtenção do Título de Bacharel em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Estêvão Martins Palitot

**Rio Tinto- PB
2021**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G633e Gomes, Thayna Donato.

Uma etnografia da organização social da aldeia
Laranjeira, terra indígena potiguara-Baía da Traição -
PB. / Thayna Donato Gomes. - João Pessoa, 2021.
48 f.

Orientação: Estêvão Palitot.
TCC (Graduação) - UFPB/CCAE.

1. Organização Social. 2. Parentesco. 3. Potiguara.

I.

Palitot, Estêvão. II. Título.

UFPB/CCAE

CDU 39

Folha de aprovação



Universidade Federal da Paraíba
Campus IV - Centro de Ciências Aplicadas e Educação
Coordenação do Curso de Bacharelado em Antropologia

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No dia 19 de julho de 2021, reuniu-se (cf. procedimentos acadêmicos relativos à pandemia de COVID-19) a comissão julgadora, composta pelo **professor Estêvão Martins Palitot**, presidente da banca examinadora, pela **professora Kelly Emanuely de Oliveira** e pela **professora Lara Erendira Almeida de Andrade** para avaliarem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Thayná Donato Gomes**, matrícula **20160133729**, como requisito para a conclusão do Curso de Bacharelado em Antropologia desta Universidade. O presente trabalho de conclusão tem como título: **Uma Etnografia da Organização Social da Aldeia Laranjeira. Terra Indígena Potiguar. Baía da Traição - PB**, sendo orientada pelo **professor Estêvão Martins Palitot**. Após análise, foi atribuída média final 8,0, estando a aluna então Aprovada. Por ser verdade firmamos o presente.

Orientador

Membro da Comissão

Membro da Comissão

Agradecimentos

Gostaria de expressar minha gratidão ao meu Deus e aos Encantados por sempre estarem me ajudando com energias positivas a não desistir da conclusão desse curso.

Agradeço imensamente aos meus pais Maria da Glória e Raimundo, pelo amor incondicional, por sempre acreditarem no meu potencial e me encorajar diante das dificuldades, aos meus irmãos Tiago e Carlos que me apoiaram nessa caminhada.

A minha querida amiga Socorro Falcão e seu marido Naldo, pelo incentivo a estudar e toda paciência que tiveram comigo.

A minha aldeia Laranjeira, em especial as famílias que entrevistei que se permitiram a colaborar nessa pesquisa.

Ao meu orientador Estêvão Palitot, pela paciência e por todo aprendizado durante essa graduação e sempre disposto a me ajudar nesse processo de aprendizagem.

A todos os professores do curso de Antropologia, que me fizeram despertar para o interesse em adquirir novas visões.

Aos meus colegas de turma pelos momentos compartilhados, que me fortaleceram nessa trajetória que só enriqueceu e aos meus amigos pelo apoio, força e incentivo ao longo dessa caminhada.

RESUMO

A aldeia Laranjeira fica localizada na terra Indígena Potiguara, município de Baía da Traição, litoral norte da Paraíba. Segundo a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) na aldeia residem aproximadamente 230 pessoas em 83 famílias, cujas principais atividades econômicas estão organizadas em torno da agricultura, sendo a cana-de-açúcar o principal plantio comercial, mas não o único, abordarei outras estratégias como fonte de renda. O presente trabalho busca identificar e compreender como essas famílias se organizam e quais estratégias mobilizam em seu cotidiano para garantir sua reprodução econômica e social. Nossa metodologia utilizou entrevistas, histórias de vida de antigos moradores, abordando a organização social e produtiva da vida na aldeia. Organizei e me inspirei nos estudos que relataram grupos domésticos de diferentes povos, como a abordagem teóricas metodológicas apresentadas pelos seguintes autores: Mura e Barbosa (2011), Tassinari (2003), Palitot (2011), Ferreira (2007) Coutinho (2014) e Vieira (2010).

Palavras-Chave: Organização Social, Parentesco, Potiguara.

ABSTRACT

The Laranjeira village is located in the Potiguara Indigenous Land, in the municipality of Baía da Traição, on the northern coast of Paraíba. According to the Special Secretariat for Indigenous Health (SESAI) approximately 230 people in 83 families reside in the village, whose main economic activities are organized around agriculture, with sugarcane being the main commercial plantation, but not the only one, I will discuss other strategies such as source of income. This paper seeks to identify and understand how these families organize themselves and what strategies they mobilize in their daily lives to ensure their economic and social reproduction. Our methodology used interviews, life stories of former residents, addressing the social and product organization of village life. I organized and was inspired by studies that reported domestic groups of different peoples, such as the theoretical methodological approach presented by the following authors: Mura and Barbosa (2011), Tassinari (2003), Palitot (2011), Ferreira (2007) Coutinho (2014) and Vieira (2010).

Keywords: Social Organization, Kinship, Potiguara.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
1. CAPÍTULO I - O LUGAR DA PESQUISA E O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO.	2
1.1. Percurso Teórico – Metodológico.....	5
2. CAPÍTULO II - ALGUNS GRUPOS DOMÉSTICOS DA ALDEIA LARANJEIRA.....	11
2.1. História de vida de Seu Severo.....	11
2.2. O grupo Doméstico de Nalva.....	13
2.3. O Grupo Doméstico de Dona Ninha.....	16
2.4 O Grupo Doméstico de Toinha.....	18
2.5 O Grupo Doméstico de Miguel.....	19
2.6 O Grupo Doméstico de Lindalva.....	21
3. CAPÍTULO III ATIVIDADES PRODUTIVAS.....	22
3.1. Atividades Produtivas.....	22
3.2. Atividades Agrícolas.....	23
3.3. Plantio da Roça.....	25
3.4. Plantio da Cana-de-açúcar.....	26
3.5. A Produção de Carvão.....	30
3.6. Casas de Farinha da Aldeia Laranjeira.....	30
3.7. Descrevendo o Processo da Farinha.....	31
3.8. Fazendo a Farinha nos Dias Atuais.....	33
3.9. Cana-de-açúcar.....	37
3.10. Turismo.....	37
3.11. Trabalhos Assalariados.....	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39

INTRODUÇÃO

Sou Thayná, bacharelanda em Antropologia, sou indígena potiguara e nasci na aldeia Laranjeira localizado na cidade de Baía da Traição, na Terra Indígena Potiguara situado no Estado da Paraíba.

Durante esses cinco anos de graduação, tive a oportunidade de realizar várias atividades acadêmicas com o Povo Potiguara. Fazer pesquisar na minha própria aldeia Laranjeira e nela observar com outros olhares que o curso vem me permitindo, como Potiguara analisar a diferença do antes e agora da vida cotidiana a observar como as coisas da minha vida influenciaram a realizar a pesquisa, apesar de ser um grande desafio no meu ambiente que são a minha própria família.

Durante as aulas quando alguns professores abordavam a temática indígena, foi surgindo questionamentos e o interesse em avançar uma pesquisa etnográfica em meu próprio espaço, referente as relações sociais e organizações dos grupos domésticos frente as suas atividades cotidianas desenvolvidas na aldeia.

A partir disso, questões de como as famílias indígenas se organizam em seu próprio espaço? Como eles cooperam entre si? Como esses grupos se dividem para realizarem suas atividades cotidianas e econômicas? A noção de grupo doméstico pelas reflexões de MURA, BARBOSA (2011), com base nos trabalhos de Richard R. Wilk, que analisam a organização social de diferentes grupos e sua vida cotidiana de famílias específicas a partir de suas funcionalidades.

A organização Social da aldeia Laranjeira é uma pesquisa etnográfica, na busca de compreender como as famílias cooperam entre si, ou seja, como os grupos domésticos se organizam em seu espaço.

O tema mencionado tem importância para um estudo acadêmico, estar discutido os temas de parentesco, a interação dos indígenas em um contexto político, econômico, os costumes e tradições nela presentes que se fundamenta por uma análise antropológica. Frisando uma análise da organização social e todo esse conjunto de culturas, costumes, narrativas que se estruturam e que compõe simbolicamente a aldeia Laranjeira.

Optei pela sistematização do método da observação participante de Tassinari (2003), em seu trabalho *No bom da festa*, onde a autora ressalta a organização social Karipuna e suas relações de parentesco, identificando os sobrenomes “Fortes e Santos” das famílias do Rio Curipi por contexto multiétnico e mapas das famílias localizadas, uma abordagem da família Karipuna e toda sua trajetória, formas de ocupação descrevendo as aldeias, suas casas, meios de sobrevivência e seu processo de formação.

Com base nesses conceitos abordados, se fez viável a pesquisa etnográfica na aldeia Laranjeira, sendo possível identificar quais as maneiras dos indígenas se comportarem em seus territórios, a forma de como a cooperação e a competição são organizadas no dia a dia das famílias da aldeia, já que grande maioria divide seu espaço, e que todos se consideram parentes.

Abordo o primeiro capítulo, apresentando o embasamento teórico metodológico dos conceitos que utilizei, a descrição da aldeia abordando conceitos de autores contextualizando com minha pesquisa.

O segundo capítulo apresento as famílias que foram entrevistadas, grupos domésticos e suas múltiplas estratégias de trabalho, história de vida de um ancião e por ser em uma aldeia na qual resido me permitiu realizar essa pesquisa em contato direto com os interlocutores. Dessa forma foi se estabelecendo as relações sociais entre diferentes grupos domésticos que se cria uma rede de relações próprias.

No terceiro capítulo resalto as atividades produtivas como a da Cana-de-açúcar; dos roçados; o turismo e balneários; a casa de farinha; o trabalho doméstico; o trabalho assalariado (público e privado) e aposentadoria; o bolsa família e outras bolsas; assim como as relações internas de trabalho.

1. CAPÍTULO I - O LUGAR DA PESQUISA E O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO.

O povo Potiguara reside em três Terras Indígenas: Terra Indígena Potiguara (de São Miguel), Terra Indígena Jacaré de São Domingos e Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór, organizadas em trinta e duas aldeias, situadas nos municípios de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, Litoral Norte da Paraíba.

A aldeia Laranjeira é banhado pelo rio Sinimbú, rio cuja sua nascente se localiza na aldeia Tracoeira e banha as aldeias: Santa Rita, Laranjeira, Vila São Miguel e Caeira. Algumas famílias dessas aldeias pescam, fazem plantações de alimentos nesse rio, principalmente da aldeia Laranjeira, constroem bares, e criam gados na várzea do rio Sinimbú.

As famílias da aldeia Laranjeira tem seu próprio território onde constrói suas casas, criam animais: gado, galinhas, porcos, cavalos, carneiros e entre outros, além disso abordo as múltiplas estratégias de trabalho como fonte de renda econômica. A aldeia conta com um cacique, o indígena Antônio Lourenço; uma escola Municipal Naide Soares da Silva, essa escola se localiza próximo ao pavilhão; a capela Santa Ana e a casa de farinha de Dona Lídia, no centro da aldeia na parte de cima com o ensino maternal, fundamental I, EJA e ensino diferenciado neste caso a língua Tupi.

Além disso abordo as duas igrejas, uma católica a capela Santa Ana que é considerada a padroeira da aldeia, seus festejos acontecem as nove noites do mês Julho, finalizando com uma festa no pavilhão da própria aldeia, o torneio de futebol no dia da festa. Evento este que conta com a participação de quase todos os times de futebol das aldeias potiguara e ainda é realizada a missa com um Padre da Paróquia São Miguel no dia seguinte da festa.

A outra igreja é a evangélica, a 5ª Igreja Batista Potiguara que foi construída no ano de 2019, onde realizam os cultos nos sábados e aos domingos com a presença de algumas famílias indígenas da aldeia Laranjeira que a frequenta. Ela é coordenada pelo Pastor Emídio Coura, que reside na cidade de Baía da Traição e alguns indígenas evangélicos da aldeia Alto do Tambá.

Além disso, está localizada também o Posto Indígena de Saúde Arthur Lourenço (SESAI) que fica no meio da aldeia, esse posto de saúde indígena foi construído no ano de 2002 e inaugurado em 2004, até o momento ainda não foi feita nenhuma reforma na sua estrutura física. Abordo também que foi construído um balneário recentemente, o Balneário Lazer Potiguara que se localiza na parte de baixo da aldeia que se tornou um dos pontos turísticos que a aldeia oferece, além do rio Sinimbú que se destaca como lazer e ao mesmo tempo como o limite de outras comunidades indígenas.

A aldeia Laranjeira tem duas casas de farinha, uma pertence a comunidade e quem é o responsável pelo funcionamento é o cacique local, onde outras aldeias vizinhas que não tem casa de farinha, se deslocam para lá na produção de farinha e essa se localiza na parte de baixo da aldeia próxima a Igreja Batista Potiguara. Existe também a outra casa de farinha que pertence a Dona Lídia Lina, onde se localiza na parte de cima da aldeia e todas funcionam normalmente apenas durante a semana.

Abordo a Oca de Dona Mariinha que fica próxima ao pavilhão e as outras instituições sociais, alguns de seus filhos construíram a pedido dela e inaugurado no ano de 2019, a oca se localiza no quintal de sua casa e era um sonho dela construir esse espaço. A princípio a intenção era reunir seus familiares nos dias de lazer, mas a ideia foi muito além do que se esperava, a oca ganhou visibilidade na região se tornando um espaço onde já aconteceu diversos eventos culturais, políticos e sociais como: assembleias indígenas, aniversários, coco de roda, torés e entre outros eventos que realizam na aldeia Laranjeira.

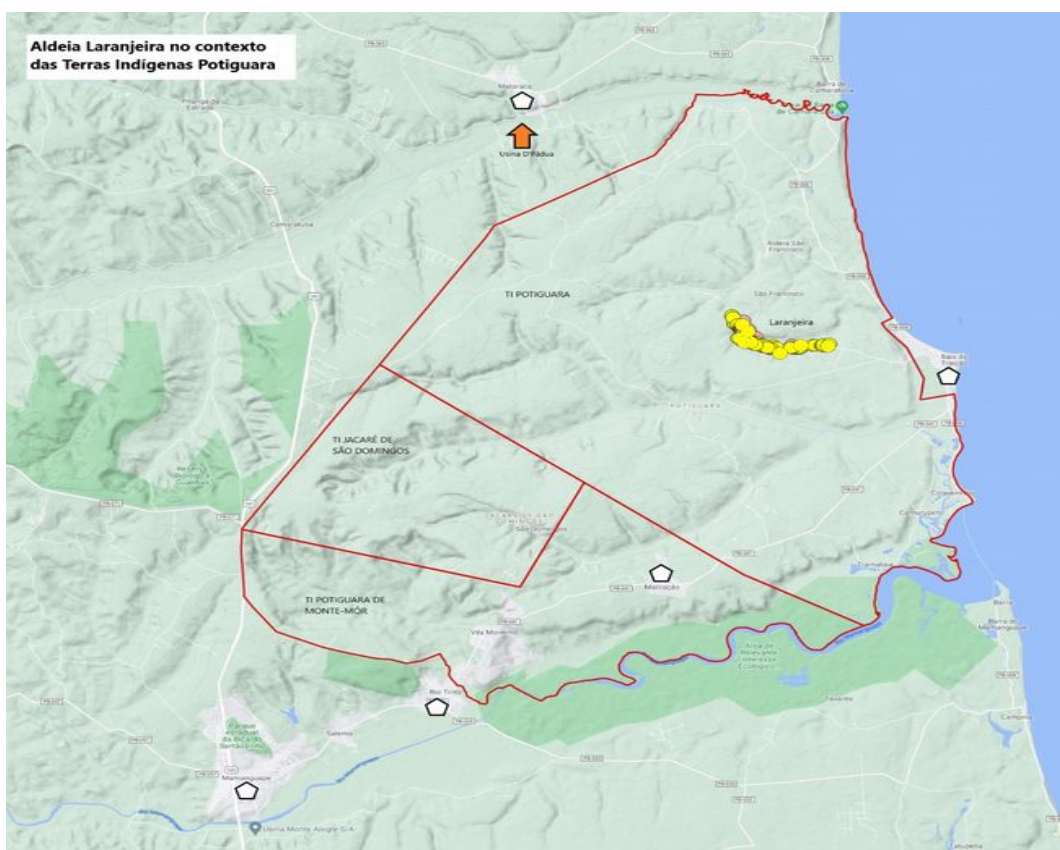
Além disso a aldeia é acesso para as outras comunidades indígenas, tais como as aldeias: Santa Rita, São Francisco, Estiva Velha e Silva da Estrada e alguns caminhos que levam para algumas dessas aldeias como por exemplo Estiva Velha e Silva da Estrada. Esses são os caminhos feitos e reabertos anualmente pela Usina D'Pádua na safra da cana-de-açúcar, utilizando para o

tráfego dos caminhões da cana, a Usina reabre alguns caminhos das aldeias para a retirada da cana-de-açúcar.

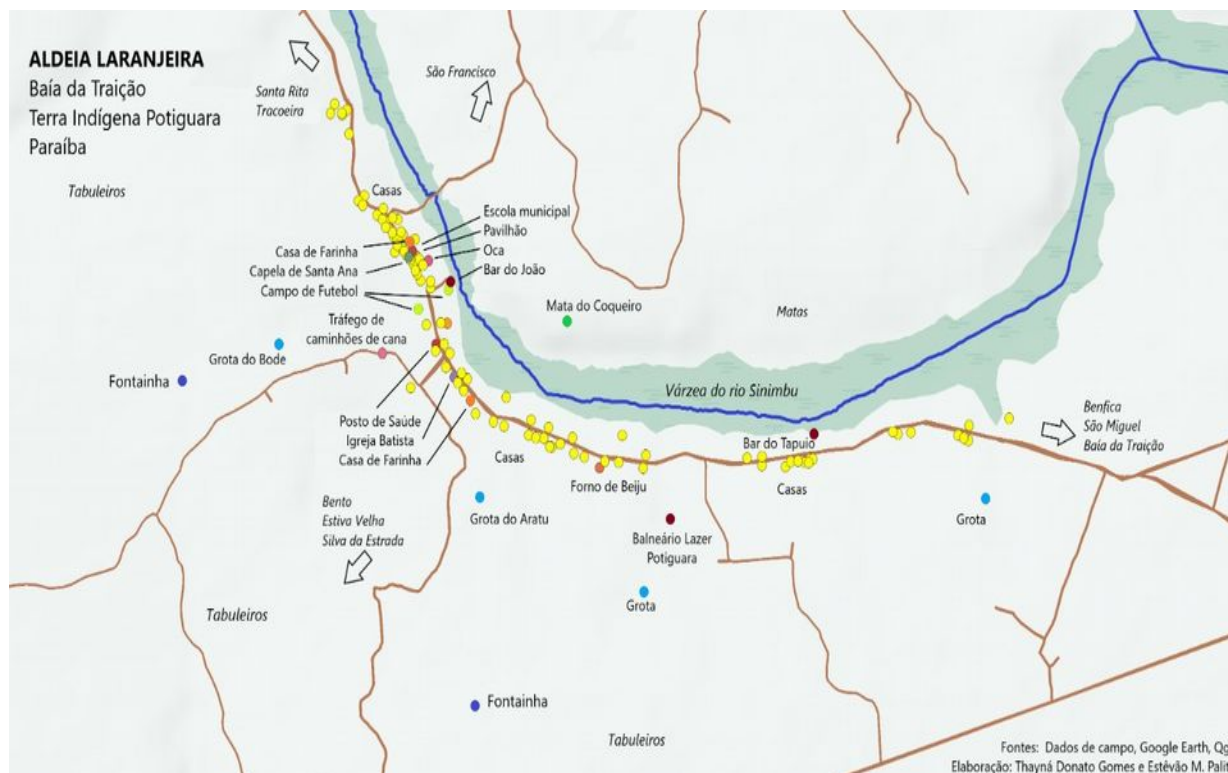
Na aldeia residem 83 famílias com aproximadamente 230 habitantes, famílias que são compostas por: pai, mãe e filhos que residem em uma mesma casa, mas que existe mais de uma família na mesma residência o que compõe os grupos domésticos, se organizando a partir do seu convívio, compartilhando o mesmo ambiente e suas atividades cotidianas que expressam por meio desse convívio. De acordo com Araújo (2015) na sua pesquisa com os Potiguara da aldeia Jaraguá que seguem nessa dinâmica de cooperação e interação social.

Pelo o que pude observar a esfera doméstica se apresenta como um meio onde se constroem identidades principalmente centradas nos momentos íntimos do cotidiano, pois é neste contexto que se constroem referências experiências de ligação entre os membros desses grupos. É partindo desta unidade sociológica que essas pessoas exploram e conceituam o mundo em que vivem, promovendo tradições de conhecimento e quadros morais de referência específicos para os integrantes de suas redes sociais. (Araújo, 2015, p. 23).

A aldeia Laranjeira se inicia a partir das primeiras casas localizadas no mapa 2 do outro lado do rio Sinimbú pertence as outras aldeias como São Francisco e Alto do Tambá, o rio é o limite das divisões dessas aldeias mencionadas.



Croqui 1: Localização da Aldeia Laranjeira no Território Indígena Potiguara, Fonte: Thayná D. Gomes e Estêvão M. Palitot, 2021.



Croqui 2: Localização das casas, caminhos e instituições sociais da Aldeia Laranjeira, cidade Baía da Traição.

1.1. Percurso Teórico – Metodológico

Nessa pesquisa tive o intuito de apresentar e compreender alguns grupos domésticos da aldeia Laranjeira que se articulam em um mesmo espaço doméstico geográfico, mas se permitem realizar várias atividades diferenciadas entre si, destaco os Potiguara como um grupo doméstico flexível, a partir disso abordo a noção de grupo doméstico definida por Fábio Mura, Alexandra Silva (2011) e Richard Wilk (1984, 1997).

Por “grupo doméstico” (ou “unidade doméstica”) geralmente se entende um conjunto de indivíduos residindo sob um único teto. Este tipo de definição nos parece bastante limitada, sendo mais profícuo o proposto por Wilk (1984, 1997), a partir de seus estudos sobre os Kekchi Maia do Belize. Assim, o grupo que vive numa residência é denominado pelo autor de “unidade habitacional” (dwelling unit), enquanto um aglomerado (cluster) de unidades habitacionais, sob uma única direção, formaria uma “household cluster”. Tais grupos, por sua vez, podem ser de dois tipos, isto é, rígido (tight) ou flexível (loose) (WILK 1984, p: 224-227). No primeiro caso, as atividades realizadas pelos integrantes da household estariam vinculadas mais que tudo a um trabalho coletivo, com todos os indivíduos (dependendo do sexo e da idade), realizando tarefas semelhantes, principalmente aquelas voltadas à produção de alimentos destinados ao autoconsumo. Nestes termos, um household cluster tight se apresentaria como um grupo corporado, bastante homogêneo e tendencialmente fechado em si. No segundo caso (loose), embora seus integrantes continuem cooperando entre si em

algumas tarefas e estejam voltados a prover a unidade doméstica como um todo, podem também desenvolver atividades diferenciadas entre si (como envolver-se no comércio ou em trabalhos assalariados), fazendo com que cada unidade habitacional possa estabelecer estratégias de ação específicas, com certa autonomia.

Há que se destacar que as formas *tight* e *loose* não necessariamente separam grupos domésticos distintos, podendo ser modos de organização adotados por uma única família ao longo do tempo, em resposta às características dos diferentes contextos de inserção de seus integrantes.

Observa-se que esta classificação das unidades domésticas oferecida por Wilk centra-se sobretudo nos aspectos econômicos e, assim, a definição de *household* limita-se a salientar a produção e a distribuição de bens materiais como fatores determinantes. A nós, parece-nos oportuno ampliar as características que definiriam as unidades, abrangendo a organização de aspectos imateriais – como conhecimentos, valores, lógicas educacionais, emoções e afetos, mas, também cargos e papéis sociais. Para tal propósito, além da produção e da distribuição, são também importantes a aquisição e a organização social de todos os elementos culturais e materiais à disposição do grupo. Importa constatar também que, quando ele é constituído por um agregado de unidades habitacionais, na maioria dos casos, o grupo doméstico é organizado a partir do que Evans-Pritchard (1982) denominava de “família indivisa”, formada por três gerações. É geralmente esta organização que permite, com maior eficiência, a reprodução do grupo doméstico, que se torna o eixo não apenas na determinação das atividades técnicas e econômicas praticadas pelos seus integrantes, mas também no estabelecimento de alianças políticas, principalmente através de relações de parentesco, que podem ser voltadas à formação de comunidades locais mais amplas. (Mura e Silva, 2011, p. 99, grifos no original)

Os grupos domésticos da aldeia Laranjeira seguem nessa dinâmica de uma organização social entre grupos específicos regidos pelo modo de vida, ou seja, uma cultura que flui e ao mesmo tempo se encontra em equilíbrio, segundo as afirmações de Mura e Barbosa (2011), sob as conclusões de Barth se faz compreender novas ideias que surgiram a partir dessa dinâmica de movimentação.

Especificamente Barth (2005) chama a atenção para as diferenças existentes entre as propriedades, por um lado, da cultura e, por outro, da organização social. Utilizando a metáfora de uma correnteza, o autor descreve o fenômeno cultural como um fluxo, cujo conteúdo tende a se difundir livremente entre todos os indivíduos que com ele entrassem em contato. A organização social, ao contrário, produz diferenças, impondo barreiras e fronteiras, canalizando este fluxo cultural e permitindo que modelos culturais específicos sejam gerados e contrastados com outros. (MURA E BARBOSA, 2011, p. 103, 104)

Na organização desses grupos domésticos considerando todos os aspectos econômicos, ambientais, cada unidade doméstica aplica em uma ecologia doméstica como aponta Mura e Barbosa (op. cit.).

A aldeia Laranjeira é composta por famílias que se estruturam diante de suas atividades em seus territórios, “*estas unidades territoriais e de parentesco é que caracterizam a dinâmica social e política da vida de um grupo*” Ferreira (2007, p.169).

Nessa dinâmica esses grupos domésticos se organizam a partir do seu território e nela passa a usufruir para além de uma estrutura física, ou seja, a aldeia se vê como uma unidade e continuidade através de eventos que podem ser um culto ou missa semanal, uma produção de

farinha, um ritual de toré e é nessa perspectiva de organização que se reafirmam e se fortalecem etnicamente em seu espaço de pertencimento.

As casas da aldeia se localizam próximo ao caminho (estrada de terra), onde estão o conjunto dessas famílias sempre organizadas pelo mesmo parentesco, se apresentam em duas partes como a parte de cima onde estão localizadas as instituições sociais como: escola, igreja, o pavilhão, pequenos estabelecimentos comerciais (mercadinhos) e a parte de baixo já iniciando o Tapuio, onde se localiza o Balneário lazer Potiguara, bar do tapuio e as demais famílias nucleares, são essas duas partes de grupos vicinais organizados por parentes que formam a aldeia Laranjeira. Observamos então em nossa pesquisa algo muito semelhante ao que Ferreira aponta sobre os Terena.

esses grupos vicinais operam e regulam quase todas as dimensões da vida do grupo, e se relacionam ao que parece, sempre a linhas de descendência de tipo segmentar, ou seja, remetem a um antepassado comum, normalmente um naati, um cacique ou líder importante, descendência em torno da qual tais grupos vicinais estruturam suas identidades e regras de pertencimento. As terras indígenas ou reservas são constituídas assim por redes de “grupos vicinais” que remetem a linhas de descendência de naatis determinados. (Ferreira, 2007. p. 168-169).

Os grupos nucleares da aldeia Laranjeira ocupam todo o espaço que residem, desde os seus quintais ao território onde realizam suas atividades agrícolas e passam a cooperar coletivamente.

A partir dos quintais, as áreas circunstantes são ocupadas com tratos agrícolas ou criatório de animais, comportando também plantios comerciais de tamanhos variados. As áreas de roçado incluem plantios de mandioca, macaxeira, feijão, milho, inhame e fruteiras (manga, coco, caju, etc.). (Palitot, 2009, p.166).

E nessa perspectiva de cooperação por meio do coletivo geralmente partem do mesmo grupo em um terreno, ou seja, uma família extensa formada por avós, pais, filhos, netos, noras e que residem no mesmo espaço, mas em casas separadas, porém consideradas uma família como aponta Vieira (2010, p. 56).

Por essa dinâmica de cooperação, essas famílias que optam a residirem muitas vezes próximas a estrada e preferem esse espaço para manter o contato com os vizinhos.

Atualmente opera-se com a mesma lógica, qual seja, “viver isolada”, mas em comunicação, sendo ao invés do rio, as casas passaram a ser construídas próximas as rodagens, em virtude das facilidades de deslocamento e de acesso. (Vieira, 2010,p,59).

A aldeia Laranjeira se organiza dessa forma, uma coletividade dos grupos domésticos que passam a interagir entre si, a partir das múltiplas atividades específicas culturais e tradicionais que abordarei ao longo dessa pesquisa.

É a partir da interação desses diferentes fluxos que se constitui um universo cultural próprio, referenciado ao território e à especificidade étnica indígena dos Potiguara.

Este processo se dá a partir de atividades básicas de socialização familiar, que se processam no seio dos grupos domésticos. Ao construir casas, abrir roçados, pescar, vender sua força de trabalho, cozinhar, comer, beber e festejar juntos os Potiguara interagem entre si e com os outros, com o ambiente e os seus seres, de modo dinâmico e flexível. (Palitot, 2009. p. 384)

Nessa perspectiva de socialização e atividades, os grupos domésticos não se resumem em apenas no contexto genealógico, mas também por aliança estabelecidas por padrinhos, amigos próximos e entre outros como aponta Araújo.

Desta forma, as dinâmicas das relações sociais apresentam uma forma de referência do parentesco baseada não apenas no ponto de vista genealógico, mas, em grande medida, na formação dos vínculos de aliança e de cooperação. Sendo assim, cada grupo doméstico tem uma conformação, que pode variar ao longo do tempo. (Araújo, 2017 p. 38)



Croqui 3: Localização das Instituições Sociais e Espaços Turísticos da Aldeia Laranjeira, cidade de Baía da Traição. Fonte: Thayná D. Gomes e Estêvão M. Palitot, 2021.



Foto 1: Igreja Batista Potiguara. Thayná Gomes, 2021.



Foto 2: Capela Santa Ana. Thayná Gomes, 2021.



Prancha: 1

Sequência

1	2
3	4

Foto 1- Oca de Dona Mariinha. Thayná Gomes, 2021.

Foto 2- Posto de Saúde Indígena Potiguara Arthur Lourenço. Thayná Gomes, 2021.

Foto 3- Escola Municipal Naide Soares da Silva. Thayná Gomes, 2021.

Foto 4- Pavilhão Central. Thayná Gomes, 2021.

2. CAPÍTULO II - ALGUNS GRUPOS DOMÉSTICOS DA ALDEIA LARANJEIRA

Neste segundo capítulo abordo alguns grupos domésticos que aceitaram participar desta pesquisa, ressaltando seu espaço, suas atividades agrícolas e entre outros recursos econômicos, além disso abordo uma história de vida de um ancião que achei importante destacar. As informações dos grupos domésticos e do ancião foram coletadas através de entrevistas, o contato direto nas residências e em outros locais de trabalho dos interlocutores. Tais entrevistas aconteceram, na maioria das vezes, nas tardes dos dias da semana, são grupos que se diferenciam em vários aspectos mesmo residindo no mesmo Território Indígena Potiguara.

2.1. História de vida de Seu Severo

Seu Severo nasceu na aldeia Vila São Miguel, vizinha da aldeia Laranjeira, município de Baía da Traição-PB. Veio para aldeia Laranjeira aos 10 anos de idade com o pai e seus 2 irmãos, moravam em uma simples casa de palha e ao chegar na aldeia já residiam Zé Gomes (já falecido), Dona Maria do Carmo Lourenço, Seu Antônio De Lima (já falecido), Severino Donato (falecido) e Manoel Lourenço. Segundo Seu Severo, esses antigos moradores foram os primeiros habitantes da aldeia Laranjeira, o que se faz importante mencioná-los nesta pesquisa.

Viviam da agricultura assim como os outros indígenas, moravam na parte de cima da aldeia, um perto do outro, quando a família estava pequena. Quando ele cresceu e casou se mudou para outro espaço maior para criar os filhos e passaram a morar na parte de baixo da aldeia. Seu Severo teve 15 filhos, faleceram 5 e sobreviveu 10, sua esposa teve todos os filhos em casa e sua sogra que fez os partos da sua companheira. Naquela época nenhum indígena tinha assistência à saúde dos órgãos que hoje atua na área, muitas crianças e mães no momento do parto não resistiam.

Ele relatou o quanto era difícil ir à cidade comprar alimentos, e vender os *calvão*¹, a única cidade próxima era a cidade de Rio Tinto que negociava os *calvão*, tinha que sair de 3 horas da madrugada e muitas vezes a pé, raramente ia a cavalo quando negociavam com o dono do animal, por que quem tinha algum cavalo era considerado “rico”, alguém com maiores condições financeiramente.

Nas matas fechadas o caminho era apenas uma trilha. Eles iam pela aldeia Silva e saíam de madrugada de suas casas retornando de meio dia e muitas vezes de tarde.

1 Carvão é a madeira queimada e depois usado como combustível para o fogão a lenha

Seu Severo viajou de ônibus para o estado do Rio de Janeiro quando tinha pouco mais de 30 anos, tentar a vida melhor para criar seus filhos. Deixou sua família na aldeia e foi tentar a sorte na cidade, só passou 7 meses trabalhando como operário.

Naquela época os indígenas quando saíam das aldeias, eles se comunicavam por cartas, com Seu Severo não foi diferente, ele recebeu uma carta na qual informava que sua esposa havia adoecido e pedia seu retorno, com essa notícia ele pediu demissão do trabalho e voltou para a aldeia, ao chegar na aldeia sua esposa disse que não estava doente e nem pedia seu retorno, até hoje ele não sabe quem lhe enviou essa carta mentirosa.

Quando retornou à aldeia não viajou mais para o Rio de Janeiro, seu pai faleceu, sua irmã foi morar na aldeia Forte e o outro irmão voltou para a outra aldeia Vila São Miguel, Seu Severo junto com sua esposa criou seus filhos sem sair da aldeia Laranjeira para outro lugar, sempre trabalhou na agricultura e na produção de carvão, hoje mesmo aposentado ainda exerce algumas atividades na agricultura, divide sua casa com um de seus filhos (Benedito) que planta suas ervas medicinais e frutas no quintal de sua casa, como também ainda cria galinhas.



Foto 3: Seu Severo. Thayná Gomes, 2019.

2.2. O grupo Doméstico de Nalva

O grupo doméstico de Nalva é composto por duas famílias nucleares que residem na mesma casa, seu marido Beto, o filho TAMILSON e a filha Taiara com seu genro Cleivison.

Esses dois grupos nucleares exercem algumas atividades diferentes, fontes de renda que dividem entre eles. Nalva é Pedagoga, exerce sua profissão na escola municipal da própria aldeia, ao mesmo tempo é agricultora e auxilia seu esposo Beto que também é agricultor, plantam roça², cana-de-açúcar, inhame, limão e ainda plantam hortaliças ao redor de casa e criam animais: galinha, cavalos e gado.

Nesse espaço doméstico eles construíram um pequeno forno para fazer os beijús de mandioca, decidiram construir o forno pelo fato de as duas casas de farinha serem distantes de onde eles moram. A casa de farinha da comunidade tem sempre uma demanda muito alta de funcionamento. O forno foi feito por Beto e raramente Nalva faz beijú, mas a época certa é na véspera da sexta-feira santa, uma das tradições da cultura potiguara que se mantêm viva, ela se prepara uma semana antes da semana santa.

Nessa preparação, Nalva vai com o marido para o roçado arrancar mandioca, pegam um saco vazio de farinha de trigo e deixam pela metade de mandioca, em seguida levam para o rio, lavam a mandioca e fazem pequenos cortes de faca para a água entrar e deixar ela mole. Após isso a mandioca fica dentro do saco e no fundo do rio por no máximo cinco dias, tempo suficiente para a mandioca ficar totalmente mole, enquanto isso eles saem a procura de coco nas suas plantações de coqueiro.

Além disso Nalva convida outras pessoas de outras aldeias que chegam para ajudar no preparo do beijú, geralmente são parentes, primos de sua família que residem em outras aldeias, pois existe uma relação de troca, trazem peixes e a própria ajuda na mão de obra.

Na quinta-feira, véspera da sexta-feira santa ela volta para o rio para pegar a mandioca e lavar, tira toda a casca, a mandioca estará toda mole e em seguida coloca dentro de um saco de pano, junta com um pouco de água e vai amassando o saco com a mão até sair a metade da água e ficar só a massa da mandioca.

Depois que lavar toda a mandioca, Nalva segue para a casa de farinha para terminar de preparar a massa da mandioca, na casa de farinha ela vai colocar a massa da mandioca na prensa (parte que amassa a massa da mandioca até ficar seca), depois disso ela vai peneirar a massa até ficar uma massa fina, no ponto de juntar com o coco ralado.

2 Quando falamos de roça, estamos nos referindo a plantação de mandioca ou macaxeira.

Após isso Nalva volta para sua casa, e finaliza o preparo de beijú no seu forno. Beto vai fazer a limpeza no forno antes de acender o fogo e tirar as folhas de bananeira para colocar o beijú pra assar, Nalva vai raspando o coco e enquanto sua convidada vai peneirando a goma. Feito isso, elas esperam o forno esquentar até o ponto que elas desejam e assim começam a fazer os beijú, no final de tudo Nalva vai dividir o beijú com quem lhe ajudou com os preparativos da comida. Quando o forno não está sendo utilizado para assar os beijú, eles aproveitam e usam o forno como um espaço de guardar as pequenas mudas de plantas frutíferas e ervas medicinais, essas plantas ficam por cima do forno para as galinhas não destruírem as mesmas.

Taiara é graduanda no curso de Pedagogia em uma faculdade privada, consultora de produtos de cosméticos e nos feriados trabalha em um mercadinho na cidade de Baía da Traição. É casada com Cleivison que é seu primo da aldeia Alto do Tambá, chegou a morar lá por alguns meses, mas retornou com seu esposo e estão provisórios na casa de sua mãe, pois sua casa está em construção no terreno que seu pai lhe deu.

Tamilson é o filho mais novo, tem 22 anos trabalha como cabeleireiro durante a semana na sua residência e atualmente trabalha como guia turístico nos finais de semana e feriados. Ele já tinha um interesse em se aprofundar na área turística, teve a oportunidade de fazer um curso técnico em Atendimento ao Turismo e Condutor Local, oferecido pelo SEBRAE Educação Empreendedora, tendo uma duração de duas semanas.

A partir disso, foi fazendo pacotes de turismo com outros indígenas, em parceria com alguns donos de Pousadas da cidade de Baía da Traição - PB, nesses pacotes oferecidos inclui pinturas, passeios, pacotes de acampamentos, ou seja, existe uma variedade de pacotes, vale ressaltar que nesses pacotes estão envolvidos donos de bares, artesãos e pajés, cada grupo de turista escolhe um desses locais de acordo com o pacote contratado.

Nesse contexto de pandemia causado pela Covid-19, Tamilson ressalta que houve uma pausa nessas atividades. Depois que alguns estabelecimentos comerciais foram autorizados a reabriram, bares e pousadas, ele e o grupo que atuam como guias retornaram ao trabalho no dia 29 de novembro de 2020, seguindo algumas medidas de prevenção como o uso de máscaras e álcool em gel, e os turistas com o resultado de exame de teste de Covid-19 realizado.

Criaram um perfil nas redes sociais, o Instagram *@kaecicaboclinhos*, como uma ferramenta de trabalho online, divulgando os passeios, fotos e vídeos de comidas típicas, pinturas e tudo que compõe a cultura Potiguara com o intuito de atrair mais clientes.

Esse jovem indígena aborda que além de apresentar a cultura Potiguara, é um fortalecimento para o movimento indígena, além de ser um recurso financeiro ao seu benefício não só na questão econômica, mas que vem melhorando a comunicação, a interação com as pessoas de

forma positiva, desconstruindo a questão de estereótipos que muitos visitantes chegam com esse pensamento do indígena de 1.500. Esse tipo de turismo, o Etnoturismo vem aumentando no território Indígena Potiguara, uma alternativa de gerar renda financeira que alguns grupos estão adotando.



Foto 4: Tamilson saindo para trabalhar como guia turístico. Thayná Gomes, 2021.



Foto 5: Forno de fazer beijú, na parte superior com mudas de plantas. Thayná Gomes, 2021.



Foto 6: Nalva fazendo beijú, na tradição da véspera da sexta-feira santa. Thayná Gomes, 2021

2.3. O Grupo Doméstico de Dona Ninha

Dona Ninha é uma agricultora que se destaca por ser a chefe dos afazeres doméstico e agrícolas, seu esposo é Seu Raimundo que trabalhou sempre na agricultura e atualmente não exerce tanto as atividades por motivo de saúde, é aposentado e contribui nas despesas domésticas da casa. Eles dividem o espaço com uma filha a Thayná, porém tem mais dois filhos que moram próximos uns dos outros, Carlos que é casado com Maynara, tem uma filha a (Luany) e Tiago que é casado com Rayla, com um filho o (Rayan), ambas suas noras são naturais da cidade de Baía da Traição mas residem nesta aldeia.

Esse grupo doméstico se organiza da seguinte forma, Tiago e Carlos mesmo com suas esposas e filhos, que moram próximo um do outro, não se separaram nas atividades do grupo doméstico e continuam a trabalharem juntos, ou seja, eles mantêm a relação de cooperação nas atividades agrícolas com seus pais desde quando residiam no mesmo espaço, mas atualmente seguem de formas diferente.

Tiago é Pedagogo, porém não exerce sua profissão na área e se dedica nos trabalhos agrícolas com seus pais durante os meses de fevereiro a julho, de agosto a janeiro ele trabalha na Usina D'Ádua, na cidade de Rio Tinto- PB, época da colheita da cana-de-açúcar.

Nesse período temporário da moagem da cana na Usina, que contratam vários grupos de indígenas, que vai dos serviços da mão de obra ao setor da vigilância, Tiago passa a auxiliar pais pela renda financeira, ajudando no que as plantações necessitam, ou seja, considerando esse período de trabalho sazonal de cada plantação vai de acordo com as estações do ano.

Essa família tem como principal fonte de renda econômica agrícola, a cana-de-açúcar, roça, feijão e a produção de beijús, que vendem na própria aldeia e na cidade de Baía da Traição-PB. A esposa de Tiago é responsável nos afazeres domésticos de sua casa, mas nos finais de semana auxilia dona Ninha a fazer os beijús, e ainda vai comercializar na cidade de Baía da Traição, por pertencer a essa cidade ela negocia os beijús com sua própria família.

Carlos trabalha na mesma Usina que Tiago, porém seu trabalho é fixo, no seu dia de folgas e férias é que se dedica nas tarefas junto com a família. Maynara trabalha em uma padaria na cidade de Baía da Traição durante o dia e retorna para a aldeia a noite com sua filha que fica sob os cuidados de sua mãe enquanto ela trabalha.

Dona Ninha ainda se dedica na criação de galinhas e as suas plantações de hortaliças com sua nora Rayla, mas não comercializam as verduras, estas são para o consumo de casa, e na criação das galinhas que ficam no quintal. Além disso ressaltar a variedade de plantas frutíferas nesse espaço que são os pés de mangueira, coqueiros, bananeiras, acerolas e entre outras. Esse espaço é que seus netos e noras utilizam como lazer, e ao mesmo tempo um fortalecimento dos vínculos familiares.

Esse grupo doméstico segue nessa dinâmica de cooperação, a plantação do milho e feijão é sazonal, a roça geralmente é plantada no início do ano e estando apta para a colheita depois de um ano assim como a cana-de-açúcar que plantam anualmente.



Foto 7: Dona Ninha e Seu Raimundo na plantação da roça. Thayná Gomes, 2020.



Foto 8: maniva (caule da roça). Thayná Gomes, 2020

2.4 O Grupo Doméstico de Toinha

Toinha é professora aposentada, foi diretora da Escola Naide Soares da Silva por muito tempo, seu esposo Tonho é agricultor e tem uma filha (Aninha com dois filhos Aline e Yure) Aninha é Pedagoga e Geógrafa, porém não atua nessas profissões. Ela e seus filhos residem próximo a seus pais, mas dividem as tarefas domésticas, ou seja, cooperam juntos nos afazeres doméstico e até nos cuidados com as crianças. Toinha tem sua aposentadoria como fonte de renda, ainda conta a agricultura e nas plantações das hortaliças também como fonte de recurso. Ela e seu marido aproveitam seu espaço doméstico e fazem as plantações das hortaliças que vendem na feira da cidade de Baia da Traição, e quando aumenta a produtividade das hortaliças chegam até vender para alguns mercados da cidade mencionada, esse grupo doméstico plantam milho, feijão e roça, trabalham com irrigação por isso que esses alimentos o milho e o feijão pode ter a qualquer período do ano, o que se diferenciam das outras famílias que abordei aqui.

Essa família ainda tem a criação de carneiros, gado e galinha, pois residem bem próximo a várzea e os animais ocupam esse espaço próximo ao rio Sinimbu, Tonho se dedica nos cuidados com esses animais, eles têm uma máquina que tritura os alimentos e sai durante o dia a procura de algumas plantas (cana-de-açúcar, milho e roça), final da tarde ele tritura e é a hora dos animais voltarem do pasto para se alimentarem.

Toinha mesmo aposentada e não exercer mais a profissão de professora, passou a se dedicar a agricultura e comerciante de suas próprias plantações, um grupo doméstico que cooperam coletivamente se reorganizaram usando seu próprio espaço ao seu benefício.



Foto 9: Horta de Toinha. Thayná Gomes, 2021.

2.5 O Grupo Doméstico de Miguel

Miguel é natural desta aldeia, é irmão do marido de Nalva (já apresentada aqui). Ele é casado com Lúcia que é prima de Nalva, ambas são naturais da aldeia Estiva Velha, tem três filhos (Geanderson, Gerline e Gerlaine), Gerlaine reside na aldeia Alto do Tambá e Geanderson reside nessa aldeia, porém fica distante da casa de seu pai, Miguel divide seu espaço com a esposa e a filha Gerline.

Todos são agricultores, Gerline faz um curso Técnico em Enfermagem e ajuda seus pais nas tarefas domésticas, Miguel além de ser agricultor, construiu um espaço de lazer como um meio de recurso financeiro. Essa ideia se deu a partir dos conflitos de terra entre as aldeias Laranjeira e Estiva Velha no ano de 2017, familiares residentes destas aldeias entraram em desentendimento em

torno dos limites comuns entre as áreas de uso agrícola das duas aldeias, alegando o desmatamento acelerado. Por esse motivo foram acionadas instâncias de resolução supracomunitárias: Funai, Ibama e o Ministério Público Federal. Atualmente o problema encontra-se resolvido tendo-se estabelecida uma normativa ambiental para os cultivos de cana-de-açúcar no território Potiguara.

A partir disso, Miguel já preservava uma área próxima à sua residência e decidiu transformar esse espaço em uma área de lazer. Assim manteve o que já existia junto com sua família para oferecer um ambiente de tranquilidade e em sintonia com a natureza para um público de modo geral, em especial os turistas que visitam o território Indígena Potiguara.

Seus filhos pesquisaram o nome que fosse apropriado com o ambiente e decidiram nomear de Balneário Lazer Potiguara, começou o projeto em 2019 e inaugurado no mesmo ano, construíram uma oca, onde acontece os eventos do toré, duas piscinas e o restaurante oferecendo as comidas típicas da região. Além disso, Miguel oferece pacotes de acampamentos para os turistas, incluso ritual do toré com a presença de um Pajé Iranildo da aldeia Camurupim, o coco de roda da aldeia Estiva Velha, pinturas indígenas e banho de ervas.

Esse grupo doméstico aproveita ao redor do ambiente de lazer e plantam as hortaliças e ervas medicinais, utilizando o adubo orgânico, as próprias folhas que juntam das árvores, assim como as plantações de feijão, macaxeira e milho, ele também trabalha com irrigação. Esses alimentos de seu território já abastece uma parte do restaurante, enquanto Lúcia cozinha junto com sua filha Gerline e outras mulheres da própria aldeia que contratam finais de semana, até sua outra filha Gerlaine que reside na aldeia Alto do Tambá, passam a auxiliar na parte alimentícia do espaço, Miguel recebe os turistas e apresenta um pouco da cultura Potiguara.

Esse espaço se tornou principal atividade econômica para esse grupo, utilizando os benefícios que a natureza proporciona, além disso Miguel coleta o lixo inorgânico do ambiente e leva para a lixeira da cidade de Baía da Traição, onde lá fazem a coleta na cidade e pelo fato que a aldeia Laranjeira não ter uma coleta desses lixos específicos.



Foto 10: Miguel trabalhando no seu balneário. Thayná Gomes, 2021.

2.6 O Grupo Doméstico de Lindalva

Lindalva é uma das filhas de Seu Severo (já apresentado aqui), é separada e mora sozinha, porém tem três filhos e mantêm a relação de cooperação das atividades doméstica com uma de suas filhas (Roberta), na qual reside próxima a ela.

Essa família nuclear também segue as múltiplas estratégias de reprodução de grupos domésticos de acordo com que tem ao seu redor. Roberta tem dois filhos e trabalha na Escola desta aldeia como auxiliar de limpeza, coopera com sua mãe que tem como fonte de renda o benefício do Programa Bolsa Família e a agricultura.

Lindalva é muito dedicada nos seus afazeres, motivo de ser quase convidada nas farinhadas da aldeia, nas colheitas de feijão. Nos dias que não tem muitos fazeres ela vai pescar no rio Sinimbu, as vezes vai sozinha com suas armadilhas de pesca (puçá, samburá) e se tornou popular na aldeia por ser considerada “fortunosa” (indivíduo que é sortudo na pescaria). Além disso ela sabe extrair o óleo de dendê e até as garrafadas de ervas onde comercializa para o Balneário Lazer Potiguara.

Na safra da mangaba ela ainda sai para o mato a procura dessa fruta, no período de Janeiro a Março ela passa a realizar essa atividade. No final de semana o comprador passa nas aldeias fazendo o pagamento e recolhendo a caixas da mangaba, cada caixa de mangaba custa em torno de trinta reais, Lindalva se queixa por ser muito barato e não compensa no seu trabalho, ela sai de casa pela manhã e retorna final da tarde, passa semanas nessa rotina e a mangaba se encontra em escassez na região.



Foto 11: Lindalva no quintal de sua casa na plantação da batata doce. Thayná Gomes, 2021.

3. CAPÍTULO III ATIVIDADES PRODUTIVAS.

Neste Capítulo apresento as atividades produtivas que são realizadas pelas famílias que abordei no Capítulo II e os diversos recursos econômicos que os grupos domésticos realizam dentro da aldeia e fora da aldeia.

3.1. Atividades Produtivas

As atividades da aldeia Laranjeira são complexas e diversificadas, envolvendo relações com o mercado que visam a reprodução dos grupos domésticos que exercem desde a atividades sazonais, atividades para autoconsumo a atividade comercial.

As atividades sazonais são: as plantações do milho, feijão, inhame, que são plantadas uma vez por ano, ressaltos os trabalhos na Usina D'Pádua que alguns indígenas passam a trabalhar durante a safra da cana-de-açúcar e essa diversificação varia entre as famílias que se destacam nesse circuito de atividades e ciclos complementares.

As atividades para autoconsumo são as que não comercializam, exemplo das hortas, batata-doce que são plantadas nos quintais das casas, o beijú feito apenas para um grupo nuclear sem ser comercializado apenas para o consumo doméstico.

Em meio a essas atividades para autoconsumo, ressaltos também que alguns chefes de família pescam no rio Sinimbú, caçam nas matas da região, como também saem da aldeia para o mangue para a cata de caranguejo, mariscos. Para executar estas últimas atividades, quando não tem transporte como motos ou carros, outros parentes chegam a emprestar e assim quando eles retornam para a aldeia pagam com caranguejos ou mariscos, porém só atuam nessas tarefas de acordo com as fases da lua para obter um bom resultado tanto na pesca como na caça.

Atividade comercial, que são as plantações agrícolas como: a cana-de-açúcar, macaxeira, mandioca para a produção da farinha, a goma e o beijú, alguns grupos domésticos se dedicam na criação de animais: galinhas, carneiros e gado, de fato percebi que a criação de galinhas é vendida para os próprios bares e balneários da aldeia, assim como cultivo de fruteiro: coco, acerola e limão também são comercializados.

Os próprios bares e restaurantes da aldeia são também como finalidade comercial, os donos desses pequenos estabelecimentos comerciais contratam os próprios parentes nos finais de semana, exemplo do Balneário Lazer Potiguara onde Miguel contrata a mão de obra de seus primos, sobrinhos e filhos, nessa relação familiar eles se organizam dividindo as atividades no ambiente.

Além disso, alguns grupos domésticos trabalham na cata da mangaba como extrativismo e uso comum, e na produção de carvão que são comercializadas tanto para dentro da aldeia como para fora, essas atividades são diferenciadas pelo fato de a mangaba ser anualmente e nem sempre a safra é suficiente para o comércio, enquanto na produção de carvão se considera permanente durante o ano todo com uma pausa só no período do inverno.

A reciclagem também se destaca como atividade comercial, ainda muito recente na aldeia, porém alguns grupos já realizam essa atividade de juntar latinhas de cerveja e entre outros materiais pela aldeia e vendem para os comerciantes de cidade de Baía da Traição que passam pelas aldeias recolhendo esse material para reciclagem, cada quilo do material está custando em torno de 3 reais.

3.2. Atividades Agrícolas

A maneira como os indígenas se organizam para dividir seus territórios são marcados pelos sobrenomes das famílias, ou seja, cada espaço é nomeado pelo sobrenome de antigos moradores, assim eles obedecem ao limite da terra que vai ser utilizado para fazer casa ou plantações.

Assim cada família se organiza de forma coletiva para continuar seus afazeres domésticos, como se trata do mesmo grupo de parentesco, podemos ver determinados comportamentos, uma relação social que se reafirma de acordo com sua união entre eles ao longo do tempo.

Nessa dinâmica de marcação dos espaços, alguns grupos domésticos que no momento estão sem espaço para fazer as suas plantações agrícolas, ou querem fazer a compra de alguma benfeitoria de outro indígena, conseguem fazer isso da seguinte forma.

Como se trata de um território indígena, a terra não pode ser comercializada, pois pertence a União para uso exclusivo dos indígenas segundo nos Art. 231 e 232 da Constituição Federal, sendo assim o indígena que deseja negociar sua plantação para outro indígena, faz um Termo de Transferência das benfeitorias que é validado pela Coordenação Técnica Local da Funai. Este é um procedimento muito antigo e remonta aos tempos do Posto Indígena do Serviço de Proteção aos Índios (Amorim, 1970)³.

Quando os grupos domésticos não optam por essa alternativa, entram em acordo entre si, ou seja, eles negociam suas plantações ou uma parte do espaço para plantar e futuramente dividem as lavouras para o dono do espaço.

Segue para as atividades agrícolas entre o mês de Janeiro a Fevereiro, as famílias da aldeia Laranjeira se mobilizam em função do preparo de seus terrenos para plantarem, as sementes de algumas plantações como por exemplo: feijão e o milho são fornecidas algumas vezes pela Funai ou pela Prefeitura de Baía da Traição, mas a maioria compra as sementes nas cidades de Rio Tinto e Mamanguape, outras famílias guardam as sementes do feijão dentro de uma garrafa junto com naftalina e ficam conservadas por um ano ou mais para fazer plantação.

Também é o período em que a produção da farinha de mandioca aumenta, pelo fato de desocupar o terreno e ocupá-lo com outras plantações ou continuando ser a mesma, enquanto uma família está na produção da farinha, outros estão nas atividades agrícolas e recebem a própria farinha como forma de pagamento de sua mão de obra que é farinha de meia, o que se torna bastante comum entre eles.

3 Este tema seria abordado no quarto capítulo que não tivemos tempo.

O dono da plantação organiza o grupo para a limpar o terreno e contratar as máquinas para adiantar os serviços durante a preparação do solo, compras das sementes e agrotóxicos e outros optam por irrigação dependendo de sua condição financeira.

Quando as pessoas não são suficientes para a demanda dos trabalhos na mão de obra, o dono do plantio da cana-de-açúcar ou da roça contratam grupos da própria aldeia e de outras aldeias, e isso é muito comum por que as pessoas mesmo se oferecem para exercer tais atividades, as ferramentas e as refeições na maioria das vezes eles já trazem de suas casas.

Algumas famílias optam substituir a cana-de-açúcar por roça e o feijão, outras preferem deixar o solo sem plantação, mas servindo como pasto para o gado e ao mesmo tempo fortalecendo a terra para que no ano seguinte retomar as novas plantações da cana-de-açúcar, essa rotação de culturas se torna muito comum entre eles nesse circuito de produção tradicional.

Esse movimento de trabalho faz com que aumente a interação que eles expressão entre si, pelo contato em um mesmo ambiente que é produzida a partir do envolvimento de cada um, de fato elas se reúnem e depois se separam no decorrer do período da plantação e colheita.

3.3. Plantio da Roça

As famílias começam a se organizarem na aldeia Laranjeira a partir do mês de Janeiro a Fevereiro, quando as primeiras chuvas começam a cair e a partir disso os grupos passam a se organizarem para a preparação do solo que vai até uma parte da plantação, entre esses meses as famílias estão concentradas na contratação das máquinas, tratores para o cultivo dos terrenos, nesse preparo dos terrenos a Prefeitura de Baía da Traição disponibiliza um trator para preparar o solo.

Mas alguns grupos optam em contratar as máquinas pelo fato de os serviços da Prefeitura ser insuficiente para a demanda de terrenos que estão disponíveis para as plantações, ou seja, é oferecido apenas uma hora de trabalho da máquina para cada família da aldeia que é beneficiada.

Sobretudo o principal alimento a ser cultivado nesses primeiros meses é a roça, feijão e o milho que muitas vezes essas plantações ficam ao lado de suas casas, mas também podem estar substituindo em um plantio de cana-de-açúcar, ou seja, o solo fica ocupado pela cana no máximo por três anos, no mês de Janeiro é o período da colheita da cana, seguida pelas queimadas no solo deixando a terra fraca e infértil para as próximas produtividades.

As sementes da roça é a maniva (galhos e caule da roça), quando são feita a colheita da mandioca para a produção da farinha, são aproveitadas as manivas para fazer as plantações, quando não preferem fazer a farinha mas que precisam plantar a roça, são escolhidas as melhores plantações

para ser cortada os galhos, são cortadas em pedaços para serem semeadas, da mesma forma é com a semente da macaxeira, nesse momento do corte dos galhos da roça é muito conhecido como o momento de *desgotar a roça*, pelo fato da plantação crescer demais nos galhos e dessa forma a mandioca não cresce como eles desejam e precisam ser cortados.

A roça está apta para colheita depois de 1 ano, a macaxeira depois 6 meses na área da várzea e se não for na área da várzea sua colheita para consumo será com 8 meses, raramente algumas famílias ficam sem a planta o da roça, quando acaba um plantio já tem outra ficando madura para a produ o da farinha e assim sucessivamente.

3.4. Plantio da Cana-de-açúcar

As sementes da cana-de-açúcar, geralmente nem todos que plantam a cana vendem o plantio todo para a usina, deixam uma parte para plantarem ou venderem, desse modo vendem a cana para outros grupos fazer as novas planta es da cana-de-açúcar.

Eles se organizam em suas atividades que vão desempenhar desde o cultivo a planta o e a aduba o, ou seja, cada um vai exercer uma atividade durante esse processo, colaborando fisicamente ou financeiramente, alguns fazem empréstimos bancários para ajudar nas despesas e na própria mão de obra.

As máquinas são contratadas (tratores) para a prepara o do solo, o dono da planta o da cana   o responsável pela retirada da cana que foi comprada de outro indígena e os adubos que são comprados em Rio Tinto ou em Mamanguape, a partir disso os grupos de homens da aldeia e de outras aldeias são contratados para ajudar a carregar a cana para o transporte até o roçado, em seguida as canas são cortadas ao meio e semeadas.

Depois de 15 dias a cana nasce, com 2 meses o dono se prepara novamente para a aduba o das canas e elimina o do mato com o veneno, após esse processo só espera o tempo da safra para a moagem da usina.

Atividades	Inverno						Verão					
	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan
Festejos							Ventania		Chuva			
Roça Arisco												
Roça Pau												
Colheita: mandioca												
Colheita: feijão, milho												
Mangaba												
Caju												
Cana							Queima					
Pesca												
Caranguejo												
Marisco												
Camarão nativo												

Calendário das atividades produtivas. Etnomapeamento, 2012, p.50

CICLOS PRODUTIVOS

MESES	PLANTAÇÃO	COLHEITA	OUTRAS ATIVIDADES
JANEIRO	Feijão verde, Cana-de-açúcar, Roça (Mandioca e Macaxeira) Milho (nas primeiras chuvas)		Coleta de mangaba Pesca e à cata de caranguejo de andada. Pecuária, Turismo Safrá da cana Plantio da cana Caça.
FEVEREIRO			Coleta da mangaba
MARÇO	Milho.	Feijão verde	Coleta da mangaba
ABRIL	Batata Doce, Inhame	Feijão verde	
MAIO	Batata doce. Feijão carioca		
JUNHO	Feijão carioca	batata-doce do mês de abril. Milho do mês de março.	Plantio da cana-de-açúcar. Ida para Santa Catarina.
JULHO		batata-doce do mês de maio, feijão-carioca.	Plantio da cana-de-açúcar.
AGOSTO		Feijão carioca	Ida para Santa Catarina.
SETEMBRO			
OUTUBRO			
NOVEMBRO			Turismo
DEZEMBRO			Turismo



Foto 12: plantação de milho. Thayná Gomes, 2021.



Foto 13: safra do feijão verde. Thayná Gomes, 2021.

3.5. A Produção de Carvão

Algumas famílias ainda trabalham na produção de carvão, elas realizam essa atividade para o uso doméstico e outras comercializam para os comércios da cidade de Baía da Traição e na própria aldeia, principalmente para aqueles grupos específicos que não podem exercer essa atividade que são os idosos e funcionários assalariados.

A produção de carvão é uma atividade muito prejudicial à saúde, algumas famílias se queixam de ter problemas de visão e alergia devido a fumaça da madeira, mas continuam a realizar tal atividade por não ter outra opção e apesar de a renda econômica ser muito pouca, são famílias que sempre se dedicaram a agricultura e na produção de carvão, deixando impossibilitados para exercer outra profissão pelo fato de não terem um estudo suficiente para mudar de atividade.

Em anos passados a produção de carvão foi uma importante fonte de renda e trabalho para muitas famílias indígenas. Contudo, a recuperação territorial que permitiu a expansão de novas áreas de cultivo, a queda nos preços do produto (substituído pelo gás de cozinha) e a intensificação da fiscalização ambiental reduziram enormemente a quantidade de famílias que se dedicam a tal atividade, diminuindo o impacto que causava nas áreas de mata. (Palitot, 2009, p. 167).

O carvão é uma das alternativas de atividade econômica, quase todas as famílias da aldeia Laranjeira possuem fogão a gás o que é algo ainda recente, porém preferem o carvão substituindo o gás para cozinhar, alegam que o gás é pouco e a falta de recurso em comprar sempre é difícil e o carvão além de ser econômico é de fácil acesso.

O carvão foi uma necessidade indígena em ligação comercial como mercadoria pela falta de recurso. Ao mesmo tempo como abastecimento doméstico voltada para as famílias da aldeia, quando acontece a falta de carvão em algumas famílias e que no momento não tem o gás de cozinha, recorrem ao fogão de lenha como alternativa.

3.6. Casas de Farinha da Aldeia Laranjeira

As casas de farinha da aldeia se diferenciam nas formas de funcionamento, ambas não funcionam nos finais de semana, pois é dedicado a folga do indivíduo que estar responsável pela manutenção e o funcionamento delas.

Abordo a casa de farinha comunitária que foi construída pelo Projeto Carteira Indígena e FUNAI no ano de 2006 e inaugurada em 2007, se destacando por ser maior em espaço físico do que a outra, se tornando a preferencial por quase todas as famílias da aldeia, dessa forma são

beneficiadas os grupos de outras aldeias que não tem casa de farinha em suas localidades, aldeias como Vila São Miguel, Bem Fica, Camurupim, Caeira, Forte e entre outras.

O responsável por ela é o Cacique local Antônio Lourenço, na qual atende todas as famílias que fazem a farinha de mandioca, seu lucro depende da demanda de produção de farinha que cada grupo contribui com uma certa quantidade de farinha, onde o mesmo vende para alguns comerciantes da cidade de Baía da Traição e até mesmo os próprios moradores da aldeia e outras aldeias vizinhas.

A renda financeira fica para manutenção da casa de farinha como: pagar a energia, compras de peças que venham a se quebrar, sacos, a higienização da mesma e o que sobra fica para o cacique como forma de seu pagamento.

A outra casa de farinha é de propriedade de Dona Lídia Lina, viúva de 85 anos, sua casa de farinha é de herança dos pais de seu falecido esposo Antônio Severino Lina. Dona Lídia é natural da aldeia Grupiúna de baixo, veio para aldeia Laranjeira aos 16 anos de idade com seu esposo, não teve nenhum filho, porém criou os sobrinhos que consideram filhos e hoje dois de seus deles são responsáveis pelo funcionamento de sua casa de farinha.

Essa casa de farinha teve várias reformas de acordo com o passar do tempo, pouco funciona desde a atuação da outra, nem toda família de Dona Lídia fazem farinha lá, só alguns parentes bem próximos, esses grupos alegam que essa casa de farinha é pequena em seu espaço físico, e que na maioria das vezes todos os membros da família participam do processo da farinha o que ocupa todo espaço do local.

3.7. Descrevendo o Processo da Farinha

Abordo o processo da farinha como três formas de se fazer, resalto cada uma delas que são a farinhada, a farinha produzida por um grupo familiar e a farinha de “meia”.

Segundo Dona Lídia, sua casa de farinha funcionava bastante quase sem parar dia e noite no tempo que seu marido era vivo, pois também existiam duas casas de farinha, a de Seu Lelé (já falecido e a sua casa de farinha hoje não existe mais), na aldeia tinha bastante pés de laranja, motivo do nome da aldeia no que confirma o quanto a agricultura sempre foi uma atividade econômica muito forte na região.

Nessa rotina de produção da farinha na casa de farinha de Dona Lídia, na qual ela resalta que antes as famílias plantavam, ou seja, se dedicavam mais na plantação da roça, eram grandes

plantios principalmente na área de várzea, quando a estação do inverno chegava, a plantação da roça na área da várzea enchia de água fazendo com que a mandioca se estragasse.

A partir disso, os mutirões eram organizados pelo dono da roça e os familiares próximos para fazer a colheita de todo plantio da mandioca o quanto antes e assim evitar possíveis prejuízo, nesse trabalho de mão de obra durava entre três a quatro dias desde a colheita até a produção da farinha, ou seja, a farinhada.

Durante essa farinhada, segundo Dona Lídia, as famílias dividiam as tarefas. As comidas eram preparadas pelas mulheres, as famílias que criavam animais como porcos e galinhas, traziam e matavam para fazer a refeição durante os dias de trabalho. Cada um já sabia sua função que era organizado por gênero e por idade, crianças e idosos atuavam na raspagem da mandioca, as mulheres e os homens em quase todas as funções, desde a colheita até a produção dos beijús, tapiocas e na tirada da goma.

Esse trabalho coletivo é comum entre eles, um fortalecimento dos vínculos familiares que estão sempre conectados nessa relação bem próxima, através da mão de obra exercida a todo momento durante o processo da farinha.

No final dessa farinhada o dono da mandioca dividia os sacos de farinha, as comidas tais como *beijús*, tapioca e a goma de acordo com o rendimento, as cascas da mandioca era servido como alimento para os animais como cavalos e o gado, colocavam as cascas no sol por mais de dois dias até ficarem secas, se fosse servido as cascas sem expor ao sol para os animais, eles morriam envenenados devido as toxinas que as cascas que a mandioca possui.

Portanto, não há dúvidas de que os alimentos são culturalizados, escolhidos, passam por uma preparação e não só estão submetidos às normas de compatibilidade do *lôcus* de cada grupo social como também a um preceituário que rege as “necessidades” próprias a cada contexto cultural; isso inclui saberes e experiências acumulados e recursos além de necessários, disponíveis. (COUTINHO, 2013, p. 31).

O processo da farinha que abordo agora é a farinha produzida por um núcleo familiar, é muito comum por ser feito só para consumo de um pequeno grupo, esse trabalho dura apenas um dia e no máximo dois dias, pelo fato de ser produzido pouca farinha e além disso segue a mesma dinâmica de trabalho da mão de obra, porém em tempo curto.

Apresento também a farinha de meia, é quando uma família que tem um plantio de roça, porém não desejam fazer a farinha e alegam que é muito trabalho e preferem realizar outros afazeres naquele momento, com isso negociam a mandioca para um outro grupo doméstico realizar a atividade. O combinando fica se render um saco de farinha da mandioca, chegando a pesar uns 50 quilos eles dividem metade para ambas famílias e acontece também com os beijús e a tapioca.

Nos dias atuais pouco se faz a “farinhada”, os grupos optam para as outras opções que apresentei, o lucro da venda da farinha para os comércios não compensa os gastos e a grande mão de obra que leva desde a plantação até a produção da farinha.

3.8. Fazendo a Farinha nos Dias Atuais

As famílias se organizam em cada etapa do processo da farinha, desde a plantação, colheita e produção da farinha de mandioca junto com as comidas como o beijú, tapioca e a goma. Geralmente quem participa da colheita da mandioca são os homens, pelo fato de exercer maior esforço físico, como a busca por lenhas, madeiras para serem queimadas no forno pra torrar a farinha, a mandioca é transportada do roçado para a casa de farinha em motos e carros e a partir disso iniciam o processo.

Pouco se utilizam os animais (cavalos e jumentos) para transportar a mandioca do roçado até a casa de farinha. Quase todos os grupos têm seu transporte próprio como: motocicletas e carros, quando uma família não tem esses meios de transporte, passam a contratar alguém que tenha e no final retribuem com farinha como forma de pagamento.

No momento da raspagem da mandioca as famílias se reúnem para realizar tal ação e nesse espaço existe um fortalecimento de vínculos familiares em meio a essa socialização expressa nessa atividade. Feito isso alguns grupos chegam a lavar toda mandioca que ficam suja de areia durante a raspagem, lavam na própria casa de farinha o que se torna uma diversão para as crianças.

Em seguida a mandioca passa pela trituração, momento em que o responsável da casa de farinha passa a atuar nesse processo, em seguida a mandioca já triturada passa pela parte da prensa (processo que amassa toda a massa da mandioca até ficar seca), feito isso tiram para a parte de peneirar, deixando uma massa fina, nesse momento as mulheres já separam uma quantidade da massa para fazer o beijú, e toda a massa peneirada segue para o forno para torrar a massa e transformar a farinha.

Depois que a farinha é feita e dividida para as famílias, segue para a última parte que é a produção dos beijú, geralmente a maioria das famílias preferem não só o beijú tradicional feito da própria massa da mandioca, mas o beijú da mandioca mole e a farinha misturada também com a mandioca mole. Uma semana antes de se organizarem para fazer a farinha, o grupo doméstico responsável segue para o roçado e pegam uma quantidade de mandioca e varia muito da quantidade de farinha que vão fazer, levam a mandioca para o rio e fazem o mesmo processo que Nalva fez como já abordei anteriormente.

No momento da trituração da mandioca, é misturado a massa da mandioca mole com a massa da mandioca que foi triturada e deixando apenas uma única massa, com a massa da mandioca mole além de ser feita o beijú, a massa da mandioca mole também é feita o cuscuz de mandioca mole, porém essa massa é prensada, peneirada sem ser misturada com a outra e reservada, segue na mesma receita de um cuscuz de milho.



Foto 14: Casa de farinha de Dona Lídia. Thayná Gomes, 2021.



Foto 15: Casa de farinha comunitária. Thayná Gomes, 2021.



Foto 16: As mulheres fazendo os beijú de mandioca mole na folha de bananeira e o beijú tradicional. Thayná Gomes, 2021.



Foto 17: balde e sacos cheios de farinha. Thayná Gomes, 2021



Foto 18: motor a energia elétrica para trituração da mandioca. Thayná Gomes, 2021.



Foto 19: massa da mandioca dentro do saco na prensa para ser espremida. Thayná Gomes, 2021.

3.9. Cana-de-açúcar

A cana-de-açúcar também é uma das plantações que se destaca na aldeia, porém não são todas as famílias que trabalham com a cana. Essa plantação é realizada também no mês de Janeiro e no mês de Julho dependendo muito da estação.

Os grupos nucleares que realizam essa atividade agrícola passam a se organizarem financeiramente, antes do período da chuva contratam as máquinas para preparar o solo, ao mesmo tempo compram a cana-de-açúcar para plantar e ficam no aguardo da chuva.

Quando iniciam a plantação surge os contratos da mão de obra, ou seja, pequenos grupos de indivíduos passam a exercer as atividades na plantação, período da adubagem e geralmente quem participa são os indígenas da mesma família, vizinhos e outros grupos de outras aldeias.

Eles trazem suas refeições e suas ferramentas de trabalhos (facão e enxada), passam o dia todo na atividade que é dividida, uma parte fica responsável pelo corte da cana para ser plantada e outros vão plantando.

Quando a cana nasce é o momento da adubagem e como essa atividade é mais rápida são poucas pessoas que participam, durante o crescimento da cana também vai sendo o momento em que o mato precisa ser eliminado, dessa forma o dono da cana passa a utilizar o veneno para eliminar o mato e assim deixando a cana totalmente limpa e continuar crescendo até o período da colheita.

A plantação da cana-de-açúcar não é realizada todo ano, o tratamento nas plantações se repete assim que acaba a safra da cana, que vai da eliminação do mato até a adubação, a renda econômica da mesma é anual e alguns grupos domésticos que trabalham com a cana geralmente veem a renda da cana como uma poupança, uma reserva para ser utilizada depois.

3.10. Turismo

O turismo vem crescendo em todo Território Indígena Potiguara, desde os artesanatos, pinturas corporais a comidas típicas. Algumas famílias dependem exclusivamente da renda econômica do turismo, tornando-se os espaços de rios e balneários como uma finalidade comercial.

Nesse contexto turístico os donos desses espaços se organizam começando pelas redes sociais, divulgando o que pode ser apresentado e fazendo uma propaganda para atrair um público maior. Nessa dinâmica de atividades entram a cooperação familiar envolvendo alguns membros de um grupo doméstico, de acordo com as atividades que são exercidas. Os espaços se diferenciam em suas formas de funcionamento, geralmente o Balneário Lazer Potiguara opta em oferecer os rituais

de toré, seguida pelo coco de roda e conduzida por um Pajé Potiguara. Nesse espaço a família de Miguel fazem os beijú no mesmo local pelo fato de construírem um pequeno forno a lenha para fazer os beijú e tapiocas.

Além disso nesses espaços, abordo outros bares como por exemplo o bar do João próximo ao rio Sinimbú, que tem um minicampo de futebol e os jogos acontecem nos finais semana, são times de futebol da própria aldeia e outras comunidades vizinhas.



Foto 20: Balneário Lazer Potiguara. Thayná Gomes, 2021.



Foto 21: Rio e bar do João. Thayná Gomes, 2021

3.11. Trabalhos Assalariados

Algumas famílias realizam outras atividades sem ser voltada para a agricultura, o trabalho assalariado que permitem a separação dos grupos fora aldeia e até mesmo dentro da aldeia. Eles passam a desempenharem em outras atividades específicas tais como: trabalhos em Prefeitura, Sesai⁴, Usina e muitas vezes se deslocam para outras regiões especificamente para a região sul.

O trabalho em prefeitura se diversifica de cargos de professores a auxiliares de limpeza que atuam na escola da aldeia, assim como na Sesai que atua uma agente de saúde indígena e uma auxiliar de limpeza dentro da aldeia.

Ressalto os grupos domésticos que atuam fora da aldeia, geralmente os grupos nucleares que saem da aldeia para a cidade é na perspectiva de trabalhar, ou seja, conseguir recursos financeiros e construir suas casas na aldeia, ou qualquer outro objetivo, como seu Severo que saiu para o Rio de Janeiro e tantos outros indígenas que migram para outros estados. Muitos saem só e outros levam a família, retornam alguns anos depois e saem nessa perspectiva mesmo de obter recurso para conseguirem o que desejam, o que atualmente ainda se torna comum.

Novamente ressalto a Usina D'Ádua que contratam grupos não apenas no período da moagem, mas alguns que ficam permanente em cargos de vigilante a operários e entre outros serviços. Os trabalhos são diferenciados desde setores administrativos a vigilância, varia da escolaridade de cada indivíduo a ocuparem esses cargos, esses contratos são realizados no período da moagem da cana-de-açúcar, entre os meses que inicia de Julho e vai até Janeiro que é o período da moagem, no final da moagem da cana são dispensados a maioria dos funcionários e permanecendo alguns, esse trabalho sazonal são ciclos complementares que acontecem uma vez por ano.

Durante essa pausa da usina esses indivíduos retornam a realizar as atividades agrícolas na aldeia, existem outros trabalhos assalariados como trabalhos em mercadinhos, padarias, posto de gasolina e pousadas na cidade de Baía da Traição.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização social da aldeia Laranjeira se apresenta com várias famílias que residem no mesmo território. Porém com as múltiplas atividades diferentes que eles desempenham, ou seja, ocupam o mesmo espaço, mas realizam trabalhos diferenciados entre eles.

4 A Sesai é a Secretaria Especial de Saúde Indígena, ligada ao Ministério da Saúde e o governo federal.

Percebi que a aldeia Laranjeira tem uma forte atividade agrícola que expõe os grupos em constante movimentação e equilíbrio no seu cotidiano, as narrativas, costumes e tradições nela expressam uma diversificação que os diferenciam os grupos uns dos outros.

Cada família com sua especificidade de realizar seu modo de atuar dentro da aldeia, o papel de cada família que se destaca a partir das atividades domésticas que ocupam o espaço e expressam em seu íntimo os saberes, costumes que foi ressaltado.

Durante a pesquisa foi possível observar essa ocupação do espaço entre os filhos, netos e noras que circulam nas casas dos pais e nessa dinâmica de cooperação os pais repassam as atribuições para os filhos, nessa perspectiva de cooperação e organização esses grupos domésticos formam uma única família que habitam no mesmo espaço, como afirma Vieira (2010).

Observei que a casa de farinha comunitária se destaca mais do que a outra, por estabelecer relações de outras aldeias e a maioria das famílias da aldeia optarem por ela, assim se tornando-a um ambiente mais amplo enquanto a outra se considera um espaço restrito por funcionar menos.

É a partir da interação desses diferentes fluxos que se constitui um universo cultural próprio, referenciado ao território e à especificidade étnica indígena dos Potiguara. Este processo se dá a partir de atividades básicas de socialização familiar, que se processam no seio dos grupos domésticos. Ao construir casas, abrir roçados, pescar, vender sua força de trabalho, cozinhar, comer, beber e festejar juntos os Potiguara interagem entre si e com os outros, com o ambiente e os seus seres, de modo dinâmico e flexível. (Palitot, 2019, p, 384.).

Nessa organização social, as famílias mantêm seus terrenos para serem ocupados pelos novos membros familiares, ou seja, na medida em que o grupo for crescendo eles já têm seu próprio espaço para fazerem suas casas e criações de animais.

Alguns indígenas alegam que as plantações de cana-de-açúcar, roça, coqueiros ou qualquer outro tipo de plantação que esteja próximo de suas casas são como marcação de território. Pelo fato de nenhum vizinho tentar fazer casa ou qualquer outro tipo de posse sem sua devida permissão, só é possível ocupar um espaço já marcado quando algumas famílias diferentes em termos de parentesco se unam através dos casamentos, formando outro grupo nuclear ocupando o espaço reservado.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Paulo Marcos de. Índios camponeses: os Potiguara de Bahia da Traição. Museu Nacional Dissertação (mestrado em Antropologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1970.
- ARAÚJO, Marianna de Queiroz. Ecologia doméstica e transação de conhecimento entre grupos domésticos potiguara da aldeia Jaraguá de Monte-Mór, PB / Marianna de Queiroz Araújo. – João Pessoa, 2017.
- ARAÚJO, Marianna de Queiroz. Entre terreiros, roçados e marés: um estudo sobre a organização doméstica entre os Potiguara do Litoral Norte da Paraíba. / Marianna de Queiroz Araújo- Rio Tinto:[s.n.], 2015.
- BARBOSA, Alexandra da Silva. MURA, Fábio. Organização doméstica, tradição de conhecimento e jogos identitários: algumas reflexões sobre os povos ditos tradicionais. Raízes, v.33, n.1, jan-jun/2011.
- CARDOSO, Thiago Mota; GUIMARÃES, Gabriella Casimiro. (Orgs.). Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba. Brasília: FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM, 2012.
- COUTINHO, Andrea Lima Duarte. Farinha e identidade sertaneja: estudo de caso da produção de farinha de mandioca na comunidade de Lagoa de Saco-Monte Santo-BA. 2014.
- FERREIRA, Andrey Cordeiro. Tutela e resistência indígena: etnografia e história das relações de poder entre os Terena e o Estado Brasileiro. Rio de Janeiro: UFRJ/MN-PPGAS, 2007.
- GEERTZ, Clifford, “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico. In: O saber local.
- PALITOT, Estêvão Martins e YOUNG, Euriko dos Santos. Perícia Antropológica Terra Indígena de Jacaré de São Domingos. Ação Ordinária nº 00000366-53.1990.4.05.8200-Funai x Emílio Celso Acioli de Moraes e Outros. 2ª Vara da Justiça Federal na Paraíba. João Pessoa. Digitado. 2009.
- PALITOT, Estêvão Martins. A multidão potiguara: poder tutelar e conflito na Baía da Traição ao longo de século XX. Raízes, V.33, n1, Jan-Jun/2011.
- PALITOT, Estêvão Martins. Os kariri de Crateús: parentesco, associativismo e faccionalismo.
- RIVERS, William Halse. O método genealógico na pesquisa antropológica. (1910).
- TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. No Bom da Festa: O processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- VIEIRA, José Glebson. *Amigos e competidores*: política faccional e feitiçaria nos Potiguara da Paraíba. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.